

DO LOGOS AO LOGOS ETERNO: O ENCONTRO COM A VERDADE ATRAVÉS DA FENOMENOLOGIA- TEOLÓGICA DE EDITH STEIN

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Doutoranda em Teologia Sistemática da PUCRS, tem mestrado em Teologia (pela PUCRS, 2017). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FAPA, 2007) e licenciada em Pedagogia (PUCRS, 2000). Membro do grupo de pesquisa em Edith Stein e o Círculo de Gotinga (UNIFESP) e do Grupo de Estudos em Filosofia Fenomenológica de Edith Stein (UFC).
E-mail: pp.patriciateixeira@gmail.com

Resumo: O presente trabalho visa apresentar um breve estudo sobre o itinerário fenomenológico-teológico da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942) em sua busca pela verdade. Pretende analisar este itinerário descrevendo o contato que ela teve com as obras de filósofos cristãos, como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e Duns Escoto, sem esquecer o estudo que ela fez do depoimento vivencial de Teresa de Ávila em seu "Livro da Vida". Este artigo analisa a conclusão à qual chega Stein através do contato com estes pensadores cristãos, os quais ela estudou desde uma perspectiva fenomenológico-teológica complementada com uma Antropologia do Ser: Stein encontra a aliança entre o logos fenomenológico e o Logos Eterno. Finalmente, é exposto como a investigação que Stein fez buscando a verdade no caminho filosófico, concluiu no encontro com a Verdade originária do Deus cristão, como Ser Transcendente que através da graça divina alcança o ser humano.

Palavras-chave: Verdade e Ser. Revelação. Antropologia do Ser. Fenomenologia teológica. Logos

Abstract: The present work aims to present a brief study on the phenomenological-theological itinerary of the German philosopher Edith Stein (1891-1942) in her search for the truth. She intends to analyze this itinerary by describing the contact she had with the works of Christian philosophers, such as Augustine of Hippo, Aquinas

Thomas and Duns Scotus, without forgetting the study she made of Teresa de Ávila's experiential testimony in her "Book of Life".

This article analyzes the conclusion reached by Stein through contact with these Christian authors, whom she studied from a phenomenological-theological perspective complemented by an Anthropology of Being: Stein finds the alliance between the phenomenological logos and the Eternal Logos. Finally, it is exposed as the investigation that Stein did searching for the truth in the philosophical way, concluded in the encounter with the original Truth of the Christian God, as a Transcendent Being that through divine grace reaches the human being.

Keywords: Truth and Being. Revelation. Anthropology of being. Theological phenomenology. Logos

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo presentar un breve estudio sobre el itinerario fenomenológico-teológico de la filósofa alemana Edith Stein (1891-1942) en su búsqueda de la verdad. Tiene la intención de analizar este itinerario describiendo el contacto que tuvo con las obras de filósofos cristianos, como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino y Duns Escoto, sin olvidar el estudio que hizo del testimonio de Teresa de Ávila en su "Libro de la vida". Este artículo analiza la conclusión alcanzada por Stein a través del contacto con estos autores cristianos, a quienes estudió desde una perspectiva

fenomenológica-teológica complementada por una Antropología del Ser: Stein encuentra la alianza entre el logos fenomenológico y el Logos Eterno. Finalmente, se expone cómo la investigación que Stein hizo buscando la verdad de manera filosófica, concluyó en el encuentro con la Verdad original del Dios cristiano, como un Ser trascendente que a través de la gracia divina alcanza al ser humano.

Palabras clave: Verdad y Ser. Revelación. Antropología del Ser. Fenomenología teológica. Logos

Sommario: Il presente saggio ha lo scopo di presentare un breve studio sull'itinerario fenomenologico-teologico della filosofa tedesca Edith Stein (1891-1942) nella sua ricerca della verità. L'intenzione è quella di analizzare questo itinerario descrivendo il contatto che lei ha avuto con le opere di filosofi cristiani, come Agostino de Ippona, Tommaso d'Aquino e Duns Scotto, senza dimenticare anche lo studio fatto da lei sulla testimonianza esperienziale di Teresa D'Ávila nel suo "Libro della vita" ". L'articolo analizza le conclusioni raggiunte da Stein attraverso il contatto con questi pensatori cristiani, che lei ha studiato da una prospettiva fenomenologico-teologica integrata da un'Antropologia dell'Essere: Stein trova l'alleanza tra il logos fenomenologico e il Logos Eterno. Infine, viene rilevato come l'indagine che Stein ha fatto alla ricerca della verità nel campo filosofico si è

conclusa nell'incontro con la Verità originale del Dio cristiano, visto come Essere Trascendente il quale, mediante la grazia divina, raggiunge l'essere umano.

Parole chiave: Verità e L'essere. Antropologia dell'essere. Fenomenologia teologica. Logos.

Résumé: Ce travail présente une brève étude sur l'itinéraire phénoménologique-théologique de la philosophe allemande Édith Stein (1891-1942) dans sa recherche de la vérité. Il prétend analyser cet itinéraire décrivant le contact qu'elle eut avec les œuvres de philosophes chrétiens comme Augustin d'Hippone, Thomas d'Aquin et Duns Scotto, sans oublier l'étude qu'elle fit de l'expérience de Thérèse d'Avila dans son « Livre de sa vie ». Cet article analyse la conclusion à laquelle Stein arrive à travers le contact avec ces penseurs chrétiens, qu'elle étudia depuis une perspective phénoménologique-théologique avec, en complément, une Anthropologie de l'Être : Stein trouve l'alliance entre le logos phénoménologique et le Logos Éternel. Finalement, on expose comment la recherche que Stein fit en cherchant la vérité dans le chemin philosophique, s'acheva dans la rencontre avec la Vérité originare du Dieu chrétien, comme Être Transcendent qui, à travers la grâce divine, atteint l'être humain.

Mots-clés: Vérité et être. Révélation. Anthropologie de l'Être. Phénoménologie théologique. Logos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar um breve estudo sobre o itinerário fenomenológico-teológico da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942) em sua busca pela verdade. A obra steiniana inicia como orientanda e assistente de Edmund Husserl onde pode contribuir com a organização dos escritos de seu orientador. Stein fez parte do influente Círculo Fenomenológico de Gotinga, onde a fenomenologia era ampliada e discutida de forma a abranger as perguntas e respostas pelo sentido. Foi através do contato com as obras de filósofos cristãos, como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e Duns Escoto; e também, pelo depoimento vivencial de Teresa D'Ávila em

seu “Livro da Vida”, que Edith Stein, de ascendência judaica, estabelece a aliança entre o *logos* fenomenológico e o *Logos* Eterno, abordado pelo teocentrismo. A filósofa afirma que a investigação pela verdade percorrida no caminho filosófico, encontrou a Verdade originária no Deus cristão, como Ser Transcendente que através da graça divina alcança o ser humano.

1 A FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN

Anovidade intelectual apresentada no método fenomenológico tornou-se importante influência no pensamento contemporâneo, alicerçando diferentes campos do saber, para além da própria filosofia. A clássica epígrafe de Edmund Husserl: “O fenômeno histórico mais importante é a humanidade que pugna por sua compreensão”¹ ressoou nos estudos de Edith Stein². Assim como o conhecido fundador da fenomenologia, Edith Stein percebe como maior fenômeno histórico a própria humanidade em seu anseio em adquirir consciência de si e do outro.

A novidade intelectual do método fenomenológico buscou ir além da visão estritamente quantificável dos fenômenos físicos e com as medições acerca da ciência, da natureza, da educação, do comportamento social e da própria pessoa em si. Edith Stein preocupava-se em encontrar a chave de interpretação dos fenômenos humanos, mas sem cair no argumento positivista ou no subjetivista, comum na transição dos séculos XIX e XX.

Sobre isso, ressalta:

Na realidade, Husserl estava em busca de um método de pesquisa sobre o conhecimento humano para além da lógica e da psicologia, método que ele definiu, exatamente como “fenomenológico”, consistindo numa atividade cognitiva e, em geral, da vida reflexiva

¹ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 7.

² Nascida em 1891, em Breslau, judia, na adolescência autodeclarada agnóstica, convertida ao catolicismo em 1922, torna-se Carmelita em 1934 é deportada e morre em Auschwitz em 1942. Os estudos a partir das obras de Edith Stein, vêm crescendo vertiginosamente no Brasil, transcendendo a filosofia e a teologia, com embasamentos antropológicos e éticos em pesquisas sobre a educação, psicologia, direito, entre outras.

*e afetiva, descrevendo-a no seu acontecer, assim como ela se apresenta, sem nenhuma sobreposição de elementos estranhos*³.

Aliada à tais concepções, Edith Stein assume que aquilo/aquele a que/ quem se mede é mais importante do que a medida em si, sinalizando que argumentos limitados à objetividade podem reduzir o ser, o condicionando às relações de causa e efeito.

Assim, a fenomenologia não se caracteriza por uma ciência restrita aos fatos ou pré-concepções, mas sim, como uma atitude eidética, onde o fato e objeto não limitam-se no existir, mas em (re)conhecer o sentido de sua existência, buscando a essência dos fenômenos.

Etimologicamente “fenomenologia”, engloba duas expressões gregas: “*phainesthai*” – aquilo que se mostra – e não só o que aparece ou parece, e “*logos*”, que pode ser traduzida ao português como palavra, pensamento, sentido.

Para Stein,

Em toda atuação da pessoa se esconde um logos que a dirige. [...] Como “logos” nos referimos por um lado a um objetivo, em que também está incluída a ação humana. Fazemos, também, uma alusão a uma concepção viva que permite a pessoa conduzir sua prática em conformidade com o mesmo (ou seja, “com sentido”)⁴.

Como atitude filosófica, o método fenomenológico ocupa-se em “retornar a coisa mesma” – *epoché* – não no sentido de reduzir o ser, mas para desenvolvendo um duplo movimento: reconduzir ao sentido fundante dos fenômenos e para compreender mais profundamente as significações

³ ALES BELLO, 2014, p. 29.

⁴ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 561.

internalizadas a partir do fato. Em primeiro lugar, a fenomenologia como método, busca abarcar o sentido dos fenômenos⁵; e em segundo, interessa-se em perceber quem e porquê se busca o sentido⁶.

Stein, elucida:

Acabo de mencionar o princípio mais elementar do método fenomenológico: fixar a atenção nas coisas mesmas [...] aproximar-se das coisas, com um olhar livre de preconceitos e beber da intuição imediata. Se queremos saber o que é a pessoa, precisamos nos colocar de modo mais vivido possível na situação em que experimentamos a existência humana, ou seja, a experiência gerada em nós mesmos e em nossos encontros com outras pessoas⁷.

Como intuição, a filósofa não a reconhece apenas como uma percepção sensível de uma determinada coisa, tal como é aqui e agora. Segundo ela, existe uma intuição do que a coisa é em essência própria e universal.

O ato em que se capta a essência é uma percepção espiritual, que Husserl denominou intuição. Reside em toda experiência particular como um fator que não se pode faltar, pois não poderíamos falar de humanos, animais e plantas sem que "isto" que percebemos aqui e agora, não fosse captado como algo universal, ao que queremos nos referir com o nome universal⁸.

A fenomenologia acentua que é aos seres humanos que o fenômeno se apresenta e são estes que buscam o seu significado, o sentido daquilo que se mostra⁹.

⁵ ALES BELLO, Angela. *Introdução a fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006, p. 26.

⁶ *Ibid.* p. 36.

⁷ STEIN, 2003, p. 590.

⁸ *Ibid.* p. 591.

⁹ ALES BELLO, 2006, p. 18-19.

Nesse aspecto, é importante compreender o contexto em que a fenomenologia steiniana se desenvolve. Edith Stein fez filosofia no entorno das vicissitudes das grandes guerras e dialogou com as questões sociais, políticas e culturais implicadas na dramática da primeira etapa do século XX.

Com o drama da morte, da segregação e intolerância, Edith Stein buscou a verdade da essência humana: O que faz de um ser vivo um ser humano? A verdade, para a filósofa, estava na essência da pessoalidade e das relações comunitárias. Não fora do ser, mas na interioridade em dialógica com o ambiente externo.

Edith Stein manifestou claramente seu vínculo intelectual com Husserl, mas também foi transparente ao revelar-se como uma pensadora independente. Para ela, a filosofia, com sua finalidade em compreender o mundo, aborda a dupla clarificação do ser: o ser da Natureza e o ser da consciência; o ser do que deve ser reconhecido e o ser do conhecimento mesmo. Assim como Husserl, para além da crítica da razão de Kant, reconhece que em toda a percepção, *algo* é percebido e, como tal, deve ser descrito. No entanto, a autora buscou respostas além do pensamento de Husserl, visto que seu interesse era conseguir correlacionar **ser** e **consciência**¹⁰.

Edith Stein afirma que as ideias sobre **verdade** e de **ser** são ligadas entre si, pois a verdade não tem sentido senão em referência a um ser. A filósofa aceita a consciência enquanto estrutura não determinada unicamente por seus conteúdos, mas por sua legalidade. Assim como sua ideia de compreensão de mundo percebido: cancelando a consciência, cancela-se o mundo¹¹.

A fenomenóloga reconhece que buscar a verdade nem sempre decorre com coerência e transparência. As inconstâncias humanas e a própria limitação da razão ofuscam e, por vezes, sobrepõem-se, à verdade, desviando a pessoa dos meios de encontrá-la. Também o próprio ser pode

¹⁰ STEIN, E. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Editora Paulus, 2019, p. 16.

¹¹ *Ibid.* p. 17.

querer evitá-la ao temer suas exigências. Para Stein, ainda que se evite a verdade, sua sede está tão radicada no ser humano que, ao prescindir-la, a existência seria tomada por medo e angústia.

A verdade, assim, torna-se alicerce no qual a existência pessoal e social se edifica. Com isso, para Edith, a grande contribuição filosófica está em colocar em questão o sentido da vida humana, a interrogativa sobre o porquê das coisas e situações e o pensamento capaz de esboçar uma resposta que desvele a verdade.

2 O ENCONTRO COM A FILOSOFIA CRISTÃ

No encontro da filosofia contemporânea com a filosofia antiga e medieval, Edith Stein conhece o pensamento de Agostinho e Santo Tomás. A filósofa inicia um itinerário investigativo, articulando a fenomenologia com a filosofia cristã.

Nos escritos de Tomás de Aquino identifica o teocentrismo. Do filósofo, Edith Stein traduziu para o alemão as "*Quaestiones disputatae de veritate*". Além disso, em 1929, no volume dedicado aos setenta anos de Edmund Husserl, dedicou-se à escrita do ensaio "A fenomenologia de Husserl e a filosofia de São Tomás de Aquino", publicado nos Anais de Filosofia e de pesquisas fenomenológicas¹².

Stein percebeu a busca pela verdade como elemento comum aos dois filósofos. Para Stein, Husserl possui a grande capacidade de reconhecer o que é verdadeiro e válido para além de todo o ceticismo e relativismo. Em Santo Tomás, depara-se com a verdade enquanto revelação divina perscrutada pela mente humana. Para o filósofo cristão, a luz do conhecimento advém de Deus.

¹² STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. In: *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005. O texto original simula um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. Corresponde à contribuição de Edith Stein ao volume em homenagem aos 70 anos de Husserl, seu professor e orientador. A versão posterior e consideravelmente retrabalhada foi publicada sob o título "Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas von Aquino. Versucheiner Gegenüberstellung in Festschrift Edmund Husserl zum 70. Geburtstag gewidmet, Ergänzungsband zum Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung, Haale a.d". Saale: Max Niemeyer Verlag, 1939, p. 315-338.

Stein passa a buscar a verdade, que não está somente no *logos* filosófico, mas passa a querer encontra-la no conteúdo e na experiência do *Logos* Eterno. A pergunta sobre a verdade na interioridade humana, reconhece a finitude. Justamente por reconhecer-se finito, o ser abre-se ao eterno. Assim, a pessoa humana encontra não necessariamente na essência de si, mas na essência da graça que habita em si, a Verdade.

Edith Stein identifica como interlocução principal entre a fenomenologia e o pensamento tomasiano, a convicção precedente da existência de um *logos* entre as duas vertentes. Percebe como importante diferença de paradigmas entre a busca fenomenológica husserliana centrada no procedimento do “como” chegar ao *logos* e a condução tomasiana transcendente que tem por principal questão “o que” é o *logos* que serve a verdade e a paz na alma humana¹³.

Ao ressaltar o valor da razão e do caminho do conhecimento, não concorda com a delimitação racional da natureza proposta por Husserl. Para ela, o conhecimento natural é um caminho finito com limites determinados ao qual se delineia uma sucessão de atualizações sem o sustento de meta, uma verdade plena: “Nunca poderei admitir que esse é o único caminho de conhecimento e que a verdade nada mais é do que uma ideia que deve atualizar-se num processo infinito – sendo o que nunca se realiza plenamente”¹⁴.

Com isso, encontra em Tomás de Aquino, a seguinte compreensão:

A verdade plena é, e existe um conhecimento que a apreende inteiramente, que não é um processo infinito, mas uma abundância infinita. Esse é o caminho divino. [...] O conhecimento natural é um caminho. Ele possui limites determinados e bem definidos. Mas nem tudo que lhe é inacessível é totalmente inacessível para o nosso espírito, de acordo com sua estrutura originária.

¹³ STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. In: *Scintilla*: Revista de filosofia e mística medieval. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005, p. 81.

¹⁴ *Ibid.* p. 76.

É agora, quando concebido na caminhada dessa vida, mas um dia atingirá sua meta, a pátria celeste. Aí chegando haverá de abraçar tudo que pode alcançar (mas não todos os abismos da verdade divina, que só Deus pode abraçar inteiramente). [...] Alguma coisa do que nosso espírito haverá então de apreender numa visão, do que lhe é necessário para não se desviar da meta – lhe terá sido comunicado pela revelação; isso, o espírito apreende na fé. A fé constitui um segundo caminho para alcançar a sabedoria, ao lado do caminho da peregrinação na terra, do conhecimento natural¹⁵.

A meta referida por Edith Stein parte da premissa da busca do sentido e sede da verdade em plenitude presente em toda pessoa. A autora valoriza o conhecimento natural, porém não se resigna a ele, apontando para a transcendência como processo de ir além daquilo que a finitude limita. Sua reflexão conduz ao sentido de eternidade e, para isso, aponta para a fé compreendida não por impulso sentimentalista ou irracionalidade oposta à concretude da vida, mas, ao contrário, denota a fé como um caminho para a verdade.

Fé é, em primeiro lugar, um caminho para a verdade e, a bem saber, um caminho para verdades (no plural), que de outro modo manter-se-iam veladas para nós. É, em segundo lugar, o caminho mais seguro para a verdade, pois maior certeza do que a da fé não existe. Para o homem em *statu viae*, não existe nenhum conhecimento com semelhança e certeza como o caminho da fé, não obstante se trate de uma certeza sem evidência (*uneinsichtige*)¹⁶.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ STEIN, E. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. In: *Scintilla*: Revista de filosofia e mística medieval. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005, p. 78.

Edith Stein aponta para a condição humana em seu “estado viandante”. A especificidade da fé apresenta-se como dom da graça divina, em que se pode extrair as consequências teóricas e práticas para a vida. A graça de Deus age nesse itinerário humano, atuando na pessoa e através da pessoa, conduzindo-a no caminho de perfeição¹⁷. No amparo dos escritores cristãos, sobretudo de Santo Agostinho e Santo Tomás, a ótica steiniana percebe a graça como o elemento presente coesivo que concede à pessoa a mesma luz que ilumina a razão e a fé.

A fé assumida como uma certeza mede todas as outras verdades a partir da verdade tomada por critério último e derradeiro. O critério que garante a autenticidade da certeza da fé, para Edith Stein, está em Deus, que, ao conceder a revelação, garante à humanidade em geral e a pessoa singular na sua inteireza, o acesso à Sua verdade. Para Stein, “a verdade carrega seus próprios frutos”¹⁸. A verdade primeira, o critério de toda a verdade, é Deus. O próprio Deus é o axioma de todas as questões do ser.

*Todas as questões conduzem, no fundo, à questão do ser. [...] Pois é Deus quem concede e comunica a todo o ser o que ele é, seu modo de ser, essência e existência; não obstante, sua essência e existência também se dão de acordo com a sua medida e o seu modo de conhecer e desejar, segundo a verdade e a plenitude que pode atingir*¹⁹.

Edith Stein reconhece viver em uma época em que a humanidade não se satisfaz com divagações: “Os homens não têm onde sustentar-se e por isso procuram um ponto de sustentação. Querem uma verdade com conteúdo a quem possam agarrar-se, que lhe sustente a vida”²⁰.

¹⁷ Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 426.

¹⁸ STEIN, op. cit., p. 83.

¹⁹ Ibid. p. 84.

²⁰ Ibid. p. 82.

Para a autora, um mundo que se constrói nas ações do sujeito, permanecerá um mundo para o sujeito. Porém, quando o sentido da existência permite abertura a transcendência, é possível o encontro com a graça teocêntrica e sua verdade eterna. Ou seja, pela a cooperação da pessoa humana abrindo-se a graça divina, é possível acessar os princípios e a “luz” do entendimento. A força de prosseguimento desses princípios pautados na revelação permite processualmente ao ser, encontrar em si, a imagem da verdade eterna que habita na interioridade humana.

Para Edith Stein,

Em toda criatura de Deus se encontra um desejo natural de Deus, seu princípio e meta. Se encontra em todo coração humano em forma de desejo de felicidade, de anseio de pureza e bondade, inclusive onde não existe nenhum conhecimento de Deus. [...] A ânsia natural de bondade e a predisposição sobrenatural a vida eterna, são sementes que precisam ser cuidadas, e sem este cuidado podem chegar a atrofiar-se. [...] A vida da graça se desperta e germina, quando a imagem de Deus, em sua afabilidade e majestade ao mesmo tempo, se apresenta diante do espírito que está despertando, e ilumina na alma, o amor e o temor²¹.

A autora percebe a relação proximal entre a destinação natural e sobrenatural da pessoa como um processo de configuração. Se o corpo pode ser considerado a morada do indivíduo; a psique, sua vitalidade; o espírito, sua capacidade de transcendência na medida em que é capaz de sair de si, permanecendo em si, conservando sua identidade, abrindo-se ao outro e ao mundo de cultura e valores, é, porém, a força da graça que configura a pessoa como imagem de Deus.

²¹ STEIN, E. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 114-115.

3. O ENCONTRO COM A VERDADE REVELADA

[...] a possibilidade de um espírito superior nos instruir acerca de algo que o espírito humano não pode acessar por si mesmo sem que se tenha se convertido a realidade da Revelação, o desvelamento de fatos por parte de Deus para o homem²².

Há uma verdade revelada que diz algo sobre o homem e o conduz ao conhecimento de quem ele é, quem deve ser e como pode chegar a ser. A razão natural pode levar ao encontro com Deus a partir de suas obras, mas existe outro conhecimento de que sozinho o ser não pode alcançar, com suas próprias forças, o que justamente é a Revelação divina²³.

Edith Stein pontua que o conteúdo da revelação divina deve ser um conhecimento a interessar o homem, visto que “não há tarefa mais urgente que conhecer o que a verdade revelada diz sobre o homem”²⁴.

Das verdades da fé que partem da revelação, a autora acentua:

O homem foi criado por Deus, e com o primeiro homem toda a humanidade como uma unidade por razão de sua origem e com um potencial para a comunidade; cada alma humana individual foi criada por Deus; o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus; o homem é livre e responsável por aquilo em que se converte, o homem pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus²⁵.

Torna-se importante ressaltar que ao considerar as verdades reveladas acessíveis ao conhecimento natural – mas não esgotadas nesse

²² STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 742.

²³ IGREJA CATÓLICA, Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993, p. 27.

²⁴ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 743.

²⁵ *Ibid.* p. 743.

conhecimento – Edith Stein reconhece a dimensão do **mistério**. Atenta ao fato de que estar inacessível, não significa estar incompreensível. A verdade revelada não deixa de ser uma verdade. Quando a pessoa assume uma verdade de fé, obtém-se um conhecimento. Diante disso, a autora versa: “a inacessibilidade para o conhecimento natural quer dizer que é preciso uma luz sobrenatural para chegar ao conhecimento do mistério”²⁶.

Edith Stein considera que a verdade revelada ao corresponder a um sentido pode transformar-se em maior potência formadora e a fé, visto que atingirá a alma da pessoa e seu núcleo de interioridade. A força motriz despertada pela consciência da fé possibilita a práxis transcendente de comunhão consigo, com o outro e com Deus. A revelação cristã torna-se esteio, premissa e finalidade: um objetivo autêntico de realização, na medida em que se alicerça na dimensão espiritual da pessoa.

Retomando que, na ótica steiniana, a pessoa humana encontra-se em percurso, em processual dinâmica de vida, salienta-se:

O ser espiritual implica vida em movimento, é impossível fixar seu conhecimento por meio de definições rígidas; ele próprio é movimento progressivo e necessita de expressões fluentes. O mesmo vale para a fé. Ela é espiritual e, portanto, em movimento – sobe as alturas incompreensíveis e desce a profundezas cada vez maiores. Portanto, deve o conhecimento procurar penetrá-la pela diversidade de expressões, na medida em que lhe for possível²⁷.

A adesão à verdade revelada implica na fé percebida como caminho de condução se constitui na convicção daquilo que Deus é. Aquele que ultrapassa todo o criado, tudo que pode ser apreendido e compreendido. Deus torna-se o formador da pessoa, visto que, na alma humana, encontra-se implantada a potência para o encontro com o Absoluto. No itinerário

²⁶ Ibid. p. 744.

²⁷ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 96.

da fé, ocorre uma pedagogia de encontro: do ser finito, a partir de Deus, a pessoa humana torna-se capaz de encontrar o infinito, o Eterno.

A fé dirige a inteligência para o Criador de todas as coisas, aquele que é infinitamente maior, mais alto e mais digno de ser amado do que todas elas. A fé permite conhecer os atributos de Deus, indica tudo quanto ele fez para os homens e tudo quanto eles lhe devem²⁸.

A constância, a consistência e a vivacidade da fé assumem por verdadeira a pedagogia da revelação. A fé é substância da revelação divina, a aceitação de seu conteúdo e um dom, uma oferta da própria pessoa a Deus, visto que a inteligência não é capaz de, por conta própria, alcançar a Deus; a memória não cria pela imaginação a totalidade de Deus; e a vontade limita-se nos encantos experimentados no que Deus é em Si mesmo. Edith Stein propõe que nem os sentidos, nem a razão, sozinhos, são capazes de alcançar a verdade. A pedagogia da fé cristã conduz a pessoa ao amor e à verdade, em união consigo, com o outro e com Deus.

Edith Stein reconhece que, sem subtrair nenhuma das verdades da fé – abertura ao transcendente excedente aos limites da razão; reconhecimento de Deus como Ser primeiro, criador *ex nihilo* (a partir do nada); confiança e percepção da presença de Deus na interioridade humana; reconhecimento da Trindade como arquétipo para a pessoa humana – deve-se ressaltar que é em Jesus Cristo, **Verbo feito carne**, que humanidade e divindade são manifestadas.

Jesus Cristo é a revelação corporal de Deus e através da fé é possível acessá-lo como Deus pessoal e próximo, como o *Logos* Eterno.

Pela fé, o ser humano encontra em Cristo “o fundamento religioso de toda a vida”: a unidade de uma visão coerente do mundo (dimensão metafísica),

²⁸ Ibid. p. 98.

do ser humano e de sua existência (dimensão antropológica), de um como viver (dimensão ética) e de um por que viver (dimensão soteriológica)²⁹.

Com isso, a pesquisa antropológica steiniana se completa e realiza na experiência cristocêntrica. A necessidade de encontrar um modelo autêntico e compreender a pessoa humana conduzem-na à chave de leitura cristológica. Para Stein, Cristo é o mediador entre Deus e os seres humanos. É Ele que revela o ser de Deus e o ser original do homem. A teóloga acentua que sem descobrir-conhecer-experimentar o Cristo, não se pode compreender a totalidade da vida da pessoa humana³⁰.

No que tange a relação de Cristo com a humanidade, Edith Stein busca a continuidade entre Antigo e Novo Testamento. Prefigurado antes mesmo da criação, a razão de ser e designação de Cristo encontra-se, sobretudo no prólogo do Evangelho de São João (Jo 1, 1-3): “No princípio, era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”; e também na Epístola de São Paulo aos Colossenses (Cl 1, 15-17): “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criatura, porque nele foram criadas todas as coisas [...] tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste”.

A pessoa encontra no *Logos* Divino, a coerência na conjugação da inteligência, sabedoria, harmonia e pureza, unificadas em um mesmo sentido: “Em Cristo, e *Logos* criador, o homem descobre o caminho para a unificação interior, para a harmonização de todas as suas potências e de seu ser espiritual, psíquico e corporal”³¹. Jesus Cristo é a imagem perfeita de Deus e da pessoa humana.

Em Jesus Cristo, encontra-se a revelação do princípio e fim da humanidade e de cada ser. A verdade mais plena de si obtém-se no mistério

²⁹ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015, p. 108.

³⁰ FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998, p. 87-89.

³¹ *Ibid.* p. 90.

de Cristo. Para melhor compreensão do ser de Deus em relação ao ser humano, torna-se fundamental a incorporação e introdução de cada ser humano no mistério da **encarnação** de Cristo, sobretudo para que possa perceber o reestabelecimento ao qual é elevado.

Em sua teologia mística, Edith Stein manifesta não só seu saber, mas também seu encantamento com a *encarnação* do *Logos* Eterno:

Ó maravilhoso intercâmbio! O criador do gênero humano encarnando-se, concede-nos a sua divindade. Por causa desta obra maravilhosa o Redentor veio ao mundo. Deus se tornou Filho do homem, para que os homens se tornassem filhos de Deus³².

Edith Stein aponta para o Cristo Encarnado relacionando-o com totalidade da pessoa humana:

Ele, por meio da encarnação, mostrou palpavelmente o caminho da vida. Ele tomou a verdadeira e íntegra natureza humana. A encarnação forma parte da plena natureza humana, de tal forma que não só ali é o Verbo de Deus e a carne do homem, mas sim, também, a alma racional da pessoa³³.

A autora volta-se para o livro do Gênesis (Gn 3, 1-24), resgatando a história e as consequências da ruptura dos primeiros pais com Deus, relacionando a **encarnação** do Verbo como manifestação da iniciativa divina em resgatar a integralidade e a singularidade da pessoa e em comunidade:

Um de nós rompeu o laço da filiação divina, e um de nós devia reatar o laço, pagando pelo pecado. [...] tornou-se um de nós e, mais do que isto: unido conosco.

³² El Misterio de la Navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales, p. 484.

³³ STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 852.

O maravilhoso no gênero humano é que todos somos um. Se fosse diferente, estaríamos lado a lado, como indivíduos autônomos e separados, e a queda de um não poderia ter se tornado a queda de todos. Podia ter sido pago e atribuído a nós o preço da expiação, mas não teria passado a sua justiça para os pecadores, e não teria sido possível nenhuma justificação. Mas Ele veio, para tornar-se conosco um corpo místico. Ele, nossa cabeça, nós, os seus membros. Ponhamos nossas mãos nas mãos do Menino-Deus, pronunciando o nosso "Sim" ao seu "Siga-me". Então, nos tornamos Seus, e o caminho está livre, para que a sua vida divina possa passar para a nossa. Isto é o começo da vida eterna em nós³⁴.

Ao acentuar a ruptura original da humanidade com Deus, Stein percebe a decorrência da perda da perfeição humana e da ferida na dignidade do ser. Com isso, ressalta que todo e qualquer esforço unicamente humanos não são capazes de recompor a pessoa em sua integralidade. Somente a iniciativa divina pode realizar tal reestruturação da semelhança com Deus.

Por isso, o mistério da encarnação é visto por Stein com caráter redentor. Deus adotando a condição humana não só realiza um gesto de amor, mas também de reconciliação: "A reconciliação acontece por meio "por meio da fé" – aí se anuncia o caminho para a união com o Deus-Homem"³⁵.

Sem perder sua base fenomenológica, Edith Stein reconhece em Cristo o caminho de internalização e equilíbrio do ser, na centralidade na qual se produz o encontro mais autêntico com a pessoa. Na interioridade, onde o ser é mais consciente e livre, está a presença de Deus:

³⁴ STEIN, E. El Misterio de la navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales, p. 484.

³⁵ STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 847.

A vida divina, acesa em sua alma, é a luz que veio nas trevas, o milagre da noite santa. Quem traz esta luz dentro de si, compreende quando se fala dela. Para os outros, porém, tudo o que se pode dizer a respeito, é um balbuciar incompreensível. [...] Deus está em nós e nós nele, esta é a nossa parte no reino de Deus, para a qual a Encarnação colocou o alicerce³⁶.

O ser de Cristo, como pessoa humano-divina, expressa, segundo Edith Stein, a integralidade dos mistérios da encarnação, morte e ressurreição como uma totalidade indivisível. A pessoa humana, configurada à pessoa de Jesus Cristo, é conduzida pela “unidade inter-relacional de todos os mistérios de Cristo entre si, de tal modo que não se entende um sem os outros”³⁷.

Com isso, Edith Stein destaca o **mistério pascal** – paixão, morte e ressurreição de Cristo – como fundamento de reparação da corrupção da natureza humana. Especificamente sobre a morte de Cristo, Edith Stein, nos seus estudos a partir da mística de São João da Cruz, supõe a mensagem revelada pelo Verbo Divino, apontando para uma ciência da cruz: na pobreza e abandono de Cristo, a pessoa reconhece sua própria situação de finitude. No entanto, através da cruz, ocorre a reconciliação da humanidade com Deus: o Eterno. Se a cruz aponta para a finitude da morte, por meio de Cristo, também foi ela o objeto de condução da humanidade e de cada pessoa em si à eternidade³⁸.

A ressurreição do Crucificado exige ainda mais da fé humana: como a confiança no amanhecer, após o período da longa noite. A ressurreição desafia à certeza “antevista”: da morte nasceu vida nova. A fé na ressurreição aponta ao cumprimento de toda a dívida. Envolvido pela convicção da glória da ressurreição, o ser assume-a como se estivesse olhando para trás em retrospectiva³⁹.

³⁶ STEIN, 2004, p. 484-485.

³⁷ FERMIN, 1998, p. 88.

³⁸ STEIN, 1988, p. 102-103.

³⁹ Ibid. p. 156.

Percebe-se o caráter profundo que a formação assume em Edith Stein. Seu objetivo teológico é introduzir a pessoa no itinerário dos mistérios cristãos. Para a autora, esse percurso sela a encarnação com o mistério pascal e pode ser experimentado pelos batizados. O seguimento de Cristo enquanto natureza humana-divina unidas em sua encarnação; a vivência da reconciliação com Deus e a humanidade; o acesso a Deus que recupera a autêntica imagem original da pessoa; a disposição em percorrer a interiorização do ser em finalidade de alcançar os bens eternos decorrem da introdução da pessoa aos mistérios cristãos.

O mistério pascal incide na vida cristã centralizando a liberdade e a felicidade da pessoa e apontando o caminho da restauração e equilíbrio do coração: "os pensamentos do coração constituem a vida originária em sua mais pura essência"⁴⁰. Retoma-se a concepção de coração para Stein, como centro afetivo ordenador do ser – *Gemüt*. *Gemüt* provém de um vocábulo místico, sem equivalência em português, mas refere-se à capacidade do ser humano de adentrar no mundo dos valores, percebendo de forma afetiva um sentido, acompanhado do movimento da vontade inclinada ao bem. *Gemüt*, como coração, designa a interioridade mais profunda da pessoa, onde o ser conhece (intelecto) e ama (vontade). Nesse sentido, o mistério pascal, assumido pelo ser como o valor supremo da aliança divina com a humanidade, restabelece a pessoa que ama ao significá-lo e significa-o ao amar⁴¹.

Salienta, Edith Stein, o processo de seguimento da pessoa de Jesus Cristo como caminho de santificação. Para isso, ressalta a importância da graça batismal como graça santificante, visto que, com suas próprias forças, a pessoa não pode alcançar a perfeição⁴². O trajeto cristão inicia quando, por meio do batismo, a pessoa recebe a graça divina tornando-se "nova

⁴⁰ Ibid. p. 132.

⁴¹ RUS, 2015, p. 73-74.

⁴² STEIN, E. Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos, p. 810.

criatura⁴³. A graça não chega à pessoa de forma isolada, mas na unidade com Cristo como membro do seu Corpo Místico do qual Ele é a cabeça. Pontua, Stein, o percurso entre os sacramentos da iniciação a vida cristã no itinerário formativo: "pelo batismo, se renasce espiritualmente; pela confirmação, há o aumento da graça e o fortalecimento da fé, e uma vez renascidos e fortalecidos, o ser alimenta-se da Eucaristia"⁴⁴.

A vida na graça não é como a vida natural. Para Stein, a vida na graça é a vida de Cristo na pessoa. Com isso, deduz que a graça há de crescer constantemente, porém com a exigência constante e livre da cooperação humana⁴⁵. A vontade divina propõe a graça a todos as pessoas e possibilita, assim, inclusive pelos meios naturais, caminhos de conversão e reconciliação. O mistério pascal de Cristo concedeu a todos a graça santificante, mas aceitá-la ou rechaçá-la é uma escolha própria de cada pessoa⁴⁶.

Edith Stein, em sua pesquisa e em sua vida, revela a experiência do Cristo-Verdade, que une a totalidade da revelação, como uma "unidade de sentido". Na perspectiva steiniana, na unidade de sentido, descobre-se a completude para a realidade essencial e existencial do homem. Aquele que busca a verdade como fim, necessariamente está buscando seu princípio. Para a filósofa, o encontro com a verdade original está em Jesus Cristo como centro e caminho⁴⁷. Acentua, também, que o reconhecimento da finitude humana abre a possibilidade do encontro da pessoa com Cristo através da fé: "é a fé que lhe coloca o Cristo diante dos olhos"⁴⁸. A consciência a qual Stein chega ao versar sobre o alcance da pessoa ao equilíbrio fé e a razão salienta que a fé enxerga mais longe, visto que há experiências e conhecimentos que só a fé é capaz de adquirir.

Edith Stein chamará de inabituação a presença de Deus na interioridade

⁴³ Ibid. p. 876.

⁴⁴ Ibid. p. 879.

⁴⁵ Ibid. p. 877.

⁴⁶ Ibid. p. 944.

⁴⁷ FERMÍN, 1998. p. 91-92.

⁴⁸ STEIN, 1988, p. 102.

humana⁴⁹. O termo é utilizado em referência à Santa Teresa de Jesus a quem Stein considerou como a grande educadora. Sobre essa presença divina na interioridade, escreve:

A vida divina é trinitária: é o amor transbordante, pelo qual o Pai gera o Filho, comunicando-lhe sua natureza; o Filho, ao recebê-la, a entrega ao Pai pelo amor; é o amor que forma o vínculo de unidade entre o Pai e o Filho e que os faz simultaneamente exalar como Espírito.... Nas almas, o Espírito Santo é infundido pela graça e é por Ele que ela vive a vida da graça. Nele a alma ama o Pai com o amor do filho e ama o Filho com o amor do Pai⁵⁰.

Em concordância com Teresa, acentua-se a iniciativa da comunicação divina em dar-se a conhecer à pessoa humana, constitui a alma como habitação Deus: habitada, e não deserta, a alma tem o próprio Deus por hóspede⁵¹. Na interioridade, Deus encontra-se em essência, potência e presença e está a iluminar o entendimento para compreensão daquilo que, em palavras, consta no Evangelho.

Edith Stein, assim como Teresa e João da Cruz, reconhece que há pessoas que não reparam em nenhum efeito da presença de Deus na interioridade. No entanto, sinaliza que isso não invalida a presença divina. Não coagida, a pessoa humana é dotada de livre-arbítrio e pode, ou não, encontrar a possibilidade de conexão com o Transcendente e decidir participar da união e exercícios de virtudes, com a vida divina. A recepção da graça está ligada à livre aceitação da pessoa⁵².

Santa Teresa ressalta: "Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta-se a si, de nenhuma maneira pode duvidar

⁴⁹ Ibid. p. 140.

⁵⁰ Ibid. p. 141.

⁵¹ Cf. JESUS, T. Castelo Interior: quartas moradas. In: SCIADINI, Patrício (Coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; São Paulo: Loyola, 2001, p. 480.

⁵² STEIN, ,op. cit., p. 140-141.

que esteve em Deus e Deus nela”⁵³. Amparada em Teresa, Edith Stein, para referir-se à união da pessoa com Deus na interioridade através da oração, afirma: “pela oração de união lhe adveio o conhecimento daquela verdade da fé que nos ensina a estar com Deus presente em todas as coisas por sua essência, sua potência e sua presença”⁵⁴.

A importância da vida de oração cultivada no interior é um tema central para Stein. Reconheceu os anos em que sua pesquisa antropológica fundamentava-se puramente na Filosofia, antes de sua conversão, como sua “única oração em busca da verdade”. Pretende, com isso, dizer que a oração é uma dinâmica de encontro: de si mesmo, do sentido da vida humana e da verdade personificada em Jesus Cristo⁵⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, Angela. *Introdução a fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.

_____. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014.

IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

⁵³ JESUS, 2001, p. 491.

⁵⁴ STEIN, op. cit., p. 140.

⁵⁵ FERMÍN, 1998. p. 229.

_____. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.

_____. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.

_____. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos.

_____. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Editora Paulus, 2019.

_____. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 753-986.

_____. El Misterio de la Navidad. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (Org.) *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 479-490.

_____. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. In: *Scintilla: Revista de filosofia e mística medieval*. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005.